

## REFLEXOS DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bárbara Wanessa Rodrigues de Jesus<sup>1</sup>

Alessandro Garcia Paulino<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir e refletir, por meio da revisão bibliográfica, sobre os reflexos da afetividade na Educação Infantil. Buscou-se, por meio do embasamento teórico, entender a educação como um processo que passa pela compreensão e o desenvolvimento dessa temática no contexto infantil. Entendendo que o meio em que a criança cresce e se desenvolve pode afetá-la, busca-se no artigo compreender os espaços em a criança perpassa e sua importância para seu desenvolvimento. Assim, por meio de autores como Wallon(1982), Sabino (2012) e Sousa (2018), que já discorreram sobre o tema, propõe-se refletir sobre afetividade, contribuindo para o aprofundamento de olhares pedagógicos, para práticas que levem a respeitar as emoções e as necessidades individuais da criança. Concluindo que a afetividade está diretamente ligada às vivências que a criança possui e a escola através de suas práticas pedagógicas podem ter influências no seu desenvolvimento afetivo e intelectual.

**Palavras-chave:** Afetividade. Educação Infantil. Família. Escola

### 1. INTRODUÇÃO

As relações do afeto entrelaçam as conexões humanas, sendo essencial durante toda a vida do ser humano. Durante a transição da criança para a adolescência, juventude e as demais fases geracionais, a afetividade e seus reflexos são subestimados, deixando de ser entendidos e relacionados com o desenvolvimento no decorrer da vida. Borba e Spazziani (2007, p. 3) refletem, a partir de Wallon (1979), que “duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência”. A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. Porém, as duas estão inteiramente interligadas.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: barbarawrodrigues@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Pedagogia (Uninter) e em Química (Licenciatura - UFLA), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - CAPES). Atua como Professor substituto na área de Tecnologia Educacional e Educação a Distância DED/UFLA, e como Professor colaborador no curso de Pedagogia da FAGAMMON.

Falar de afeto no contexto educacional é ter a sensibilidade de saber que as relações de empatia e cuidado também constituem o sujeito, tornando a educação mais humana e menos padronizada. Nesse sentido, o caminho do ensino e aprendizagem propõe interações que se entrelaçam ao afeto.

Diante disso, por meio da minha própria experiência, considerando os caminhos que percorri durante o período da creche (onde ingressei com 14 meses) à escola, pude perceber grandes relações e conexões que tive por meio do ambiente escolar com professores, diretores e todos os colaboradores do espaço, levando-me a ter memórias afetivas e lembranças das vivências que fazem parte do sujeito que sou. As memórias afetivas que construí no período de creche e pré-escola foram de grande importância para meu desenvolvimento pedagógico nos anos subsequentes e também para formação da minha personalidade influenciando as escolhas do presente, a relação construída com professores e colaboradores do espaço escolar em atividades, brincadeiras, conversas e trocas, trouxe admiração, interesse e bagagem para escolhas futuras.

Os acontecimentos em minha vida como estudante e as trocas afetivas que tive nela me trouxeram o interesse em graduar e aprofundar no ambiente educacional, percebendo que as trocas que acontecem são relevantes para a construção dessa criança única e de direito, que possui sua cultura e sua história. Observo, como pesquisadora, colaboradora e monitora da educação infantil, as referências, conexões e reações afetivas das crianças, e me pergunto sobre seus reflexos em seus primeiros anos escolares e futuro. Percebo que a maneira como a criança se relaciona com o ambiente, a família e a escola está relacionada as suas ligações afetivas, podendo refletir em sua forma de expressar, agir e principalmente no seu desenvolvimento pedagógico e de personalidade.

Compreendendo que é nos anos iniciais da vida de uma criança que se constitui a formação de grandes vínculos, sejam no ambiente familiar, escolar ou na comunidade, levanta-se a problematização: quais são os reflexos do afeto e afetividade na educação infantil? Contribuindo com a possibilidade da reflexão sobre este assunto, procurando produzir uma pesquisa que venha a refletir acerca de práticas educativas presentes e futuras, propõe-se o conhecimento sobre os discursos teóricos e a construção de uma reflexão sobre o tema.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo discutir e refletir sobre a afetividade na educação infantil por meio de um levantamento bibliográfico. Deve-se ressaltar, também, a relação afetiva dos familiares, que é o primeiro vínculo proporcionado à criança, complementando a relação com os professores e com o ambiente escolar.

A relação da família e dos profissionais da educação e seus vínculos com as crianças devem suscitar os questionamentos para uma discussão mais ampla sobre o tema, entendendo o contexto em que a criança participa da escola e relaciona com o ambiente e as pessoas, dando margem para a reflexão sobre o afeto e a afetividade na educação infantil. O trabalho trás questões que reflete e discute sobre a importância da afetividade e a necessidade de ela ser desenvolvida e trabalhada na vida da criança de forma positiva, tornando importante entender seus reflexos, na possibilidade de se pensar como o afeto pode ser um motivador para criança em sua aprendizagem e, por fim, o papel da família como principal núcleo de afetividade da criança.

## **2. METODOLOGIA**

Os caminhos investigativos levaram à pesquisa bibliográfica, visando, por meio do problema de pesquisa, revisar artigos que propusessem uma reflexão sobre o tema. Vivemos, atualmente, um momento de pandemia ocasionada pelo coronavírus (SARS-COV-2), impossibilitando a realização da observação de campo, mas entrelaçando a possibilidade da produção de conhecimento por meio das buscas teóricas e bibliográficas sobre como a afetividade reflete no ambiente escolar, familiar e social. Temos como embasamento as reflexões de autores que já discutiram e aprofundaram pensamentos sobre o tema, alicerçando uma nova linha de raciocínio ou entrelaçando pensamentos sobre o afeto e afetividade.

Segundo a publicação de Marigo e Braga (2015):

A pesquisa bibliográfica é realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos – vai além da simples observação de dados nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria e a compreensão crítica do significado neles existentes (LIMA; MIOTO, 2007 apud MARIGO; BRAGA, 2015, p. 62).

Diante disso, compreendemos que o pesquisador, a partir da escolha do seu tema, irá analisar e estabelecer relações de coerência de acordo com o que já foi publicado. A pesquisa bibliográfica deve estabelecer um vínculo com os objetivos do trabalho, buscando minuciosamente detalhar a leitura de forma crítica, possibilitando o desenvolvimento do objeto de estudo. Desse modo, por meio de documentos já produzidos, é possível realizar uma pesquisa que proporcione o aprofundamento e a reflexão sobre o tema. Com a pesquisa, podemos conhecer, discordar e explicar situações que ocorrem no campo educativo, possibilitando a construção de práticas pedagógicas que contribuam com o processo de ensino-aprendizagem da criança e suas relações de afeto.

A pesquisa foi realizada, primeiramente, discorrendo sobre o tema “afetividade”, com levantamentos em artigos, dissertações, teses e livros. Buscou-se delimitar, no objetivo da pesquisa, especificamente o tema educação infantil, descartando autores que discutem sobre o afeto em outras etapas de ensino. Foi também necessário um recorte para o tema, trabalhando o assunto “os reflexos da afetividade na educação infantil”, partindo, assim, para questões que contribuíssem para a possibilidade de discutir, refletir e pensar sobre a causa e os efeitos do afeto e das práticas educativas que colaboram para o bom desenvolvimento da criança.

Após a delimitação, fez-se necessário o aprofundamento das leituras e da investigação teórica para a construção do referencial, aprofundando a dimensão afetiva nos espaços que permeiam a educação infantil, ressaltando a família como o primeiro espaço social e afetivo da criança. Nela, são descobertos valores e limites, perpassados pelos encontros em comunidade que a criança vivencia, sejam na igreja, em praças, com amigos, por toda a comunidade e também na escola, onde passa grande parte do dia e possui contato direto com o professor, que está presente em suas descobertas afetivas.

Por fim, no segundo e terceiro momentos, foram retratadas a afetividade na família e na aprendizagem escolar, buscando-se um caráter vivencial que entrelaça as instituições formadoras às quais a criança tem acesso em seus anos iniciais. É importante destacar que o afeto é uma dimensão onipresente, presente em todos os espaços e vínculos que a criança se encontra. No espaço escolar o afeto faz parte da formação da criança, ajudando-a em seu desenvolvimento como sujeito único e de direito.

### **3. AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA**

A afetividade é construída a partir de vínculos interpessoais, mesmo que não manifestados explicitamente, são construídos durante a vida da criança até a fase adulta, mediando a construção de suas relações e do intelecto. A criança a partir das suas vivências possui influência em sua vida com a família e com a comunidade, sua vida afetiva pode ter impacto diretamente na vida escolar, causando dificuldade ou facilidade no processo de ensino-aprendizagem. Sousa (2018) analisa, por meio de Piaget (1971), que a vida afetiva da criança é tão importante quanto o seu desenvolvimento intelectual, sendo que a junção das duas funções torna a criança segura de suas ações.

Para Piaget, a vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura (PIAGET, 1971, p. 271, apud SOUSA, 2018, p. 5).

Durante a primeira infância, a criança está em desenvolvimento de sua coordenação motora, descobrindo cores, movimentos, expressões, letras, números, espaços e outras possibilidades. Ativando sua inteligência para novas áreas, suas adaptações também transitam pelas emoções e sentimentos, como cita Sousa (2018) a partir de Piaget (1971), as adaptações estão interligadas, mas, caso uma delas deixe de se desenvolver, a outra pode ser afetada. Nesse sentido, fica evidente a relação e a importância da afetividade no processo de aprendizagem.

O afeto se faz presente em todas as relações humanas, baseado em um:

[...] conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza. (CODO; GAZZOTTI, 1999: 48-59 apud BEZERRA, 2006 p.21).

Dessa maneira, percebe-se a manifestação do afeto em nossas ações e reações, em nossos anseios e expectativas, mediante os acontecimentos em nosso ambiente. O afeto e a afetividade têm relação direta com o contexto social e histórico da criança, sendo que sua aprendizagem também pode ser condicionada à dimensão afetiva do seu meio, pois são formados vínculos pessoais que influenciam a sua forma de expressar.

A importância do afeto nos atos educativos acontece desde a chegada da criança em sala até uma atividade proposta, nas relações que são estabelecidas entre o professor e a criança e no compartilhamento de experiências entre todos da comunidade escolar. É necessário compreender a relação da cognição no campo educacional, trabalhando os conjuntos funcionais da criança (afetivo, motor e cognitivo).

Percebendo-se que o intelecto e a vida afetiva estão em comunhão, Ferreira e Acioly-Regnier (2010) citam Wallon (2007) para refletir sobre a importância de se pensar práticas que qualificam a criança como um sujeito de direitos e da relação do afeto, em integração com outras áreas do desenvolvimento.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade (WALLON, 2007, p. 198 apud FERREIRA; ACIOLY-REGNIER, 2010, p.29).

A construção concomitante do intelecto e da vida afetiva da criança fortalece seu desenvolvimento para resolução de conflitos e contrastes de sua vida escolar, familiar e em comunidade. É necessário construir uma relação entre o conhecimento intelectual e a vida afetiva, visando à interação da escola com a família e vice-versa.

A vida afetiva e a aprendizagem devem ser observadas por meio do comportamento da criança, suas emoções, dos afetos que ela desenvolve, de suas expressões e manifestações em sala. Bezerra (2006) analisa, a partir de Godoy (1997):

[...] que estabelecer a importância de alguns elementos que possibilitam a aprendizagem tais como: o autoconhecimento, a autonomia e a autorregulação da conduta. Mas a autoestima é sem sombra de dúvida um dos elementos mais importantes para facilitar o processo de aprendizagem do indivíduo (GODOY, 1997, p.35 apud BEZERRA, 2006, p.25).

Bezerra (2006) menciona também sobre a facilidade de aprendizagem da criança quando ela está bem afetivamente, e esse conjunto eficaz acontece quando ela cria conexões entre aquilo que aprende e suas experiências de vida. A aprendizagem apenas de conteúdo e de forma mecanizada afasta a criança do entendimento do real motivo do ensino, ao passo

que, quando se destaca a aprendizagem significativa, ela constrói vínculos afetivos, facilitando o desenvolvimento cognitivo.

Atribui-se, então, ao adulto a condução da criança do nascimento à inserção social, por meio do processo educativo. Sabino (2012, p.95) introduz a reflexão de Wallon (1986, p.150) de que “a educação foi definida como influência exercida pelo grupo dos adultos sobre as crianças, para torná-las aptas à vida social numa sociedade determinada”. Portanto, podemos ponderar que adultos educam crianças por meio dos vínculos e relações que já tiveram, manifestando afetos conforme são percebidos e experienciados no seu próprio convívio.

A afetividade infantil deve fazer parte dos estudos de aprendizagem e desenvolvimento, pois estão intimamente ligados. Crianças que estão interligadas às questões do afeto são mais abertas a descobertas e relacionamentos sociais, o que facilita e propicia o aprendizado. As competências emocionais do ser humano são desenvolvidas na infância, sendo que crianças em situações delicadas podem levar reflexos dessa situação por toda a vida. Diante disso, a escola, se bem preparada, pode detectar traços e auxiliar a criança e a família a reverter esta situação.

Nesse sentido, a afetividade é complexa, podendo proporcionar discentes seguros, espontâneos, participativos e alegres, se bem desenvolvida na família; ao passo que também pode desvelar crianças arredias, agressivas, tristes e revoltadas, quando não se tem bom suporte familiar. Sabino (2012), através de Freire, nos revela que:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara de ruas da infância, da adolescência; lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já ouvida por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também negação ao risco (FREIRE, 1992, p.33 apud SABINO, 2012, p.115).

Cada sujeito carrega em si uma história, marcas familiares e sociais, tornando todas as experiências de afeto e vivências uma memória cultural. Comportamentos podem ser explicados através das relações humanas, mas a dimensão afetiva perpassa determinadas peculiaridades e complexidades, sendo necessário um processo de diálogo sobre os afetos e a

humanização da educação. As emoções presentes em nossas relações são de grande importância para nossas experiências durante a vida.

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente (VYGOTSKY, 2003, p.121 apud BORBA; SPAZZIANI, 2005, p.5).

Cada criança reage de uma forma às emoções que a cercam durante seu desenvolvimento educativo. Para que este seja um processo capaz de afirmar a importância da afetividade e evidenciar o estímulo afetivo, é importante a valorização das emoções, sentimentos e reações.

Nas relações afetivas, as emoções são de extrema importância, desde os primeiros estímulos na infância, sendo condicionadas às interações que acontecem em seu meio:

Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua – e sem expectativas sobre o futuro -, com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive (MATURANA, 2004, p. 223 apud ALENCASTRO, 2009, p. 13).

### **3.1 A afetividade e seus reflexos**

Sousa (2018) cita também o teórico Wallon (1968), que aborda o processo de evolução resultante da função biológica e do ambiente do qual o sujeito faz parte. Acrescenta dizendo que o ambiente o afeta de alguma forma. O sujeito nasce com a função orgânica, que lhe capacita mediado pelos recursos disponíveis. Para Vygotsky (1991), a afetividade infantil tem ligação direta com as intenções sociais que começam na família. Essas mediações entre o primeiro vínculo familiar e a escola, se propiciarem uma interação construtiva, colaborarão para o bom desenvolvimento da criança. Ferreira e Acioly-Regnier (2010, p. 29) recorrem novamente a Wallon (1986), que aponta:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual (WALLON, 1986 apud FERREIRA; ACIOLY- REGNIER, 2010, p.29).

Como já foi apresentado, o primeiro meio com o qual a criança possui contato desde seu nascimento e explora suas interações é o familiar, onde são apresentados a ela conceitos de cultura, comunidade, afeto e tudo que irá ajudá-la a construir suas percepções de mundo, tornando todos os sentimentos relevantes para possíveis reflexos do seu comportamento individual.

Em um novo ciclo que se inicia na escola, a criança já possui uma bagagem do meio familiar, demonstrando reflexos construídos em outros ambientes. Sabino (2012) discute importantes questões sobre o lugar da afetividade na família e na escola, pontuando as dificuldades afetivas e emocionais.

A escola, vista pelo ângulo de Freire (1998), no olhar de Sabino (2012), é uma instituição que se limita ao serviço do Estado. Nos dizeres de Freire (1998, p. 100 apud Sabino, 2012, p. 135), “é aquela em que só o professor ensina em que só o aluno aprende e o diretor é mandante todo-poderoso”, sendo, assim, uma escola reprodutora, que não prioriza o indivíduo e sua sensibilidade. A dimensão afetiva se apresenta a todo momento no espaço escolar, e, muitas vezes, essa percepção é dificultada por se tornar um trabalho mecânico, e não um espaço de diálogo, reconhecendo e valorizando o indivíduo.

Quando se fala dos efeitos do afeto e da afetividade, estamos nos referindo a todos os sentimentos e emoções humanas. Todas as emoções, sentimentos e estados de humor nos afetam de algum modo. Nas vivências da criança na educação infantil é observado que ela está em processo de descoberta do mundo, sendo que todo meio social permite ter vivências que pode impactar sua dimensão identitária que está sendo construída.

As experiências nos espaços escolares e com professor implica na descoberta da criança e na compreensão do ser humano como um todo, pois este se desenvolve cognitivamente, social e afetivamente. As várias situações vivenciadas no contexto educativo, como a

compreensão do conteúdo, a relação com o docente e os colegas de sala, juntamente com a “bagagem” que a criança traz de casa, como dores, perdas, sofrimentos, violências, interferem em sua vida afetiva e em sua formação como estudante. Ferreira e Acioly-Regnier (2010, p. 30) descrevem, a partir de Mahoney (2008, p. 15), que:

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela (MAHONEY, 2008, P.15 apud FERREIRA; ACIOLY- REGNIER, 2010, p.30).

Portanto, compreendemos que a construção da identidade da criança vem da somatória de aspectos estruturais que permitem seu desenvolvimento. Caso algum desses aspectos esteja sendo afetado, haverá um impacto em sua formação durante todos os seus processos. O modo com que a criança encara e descobre os sentimentos, emoções e trocas de afeto que acontecem na educação infantil tem influência em sua visão e em outras formas de entender o mundo. Sabendo-se que muitos dos seus sentimentos e ações são influenciados por acontecimentos em torno dela, a criança é envolvida em descobertas que fazem com que seu afeto seja baseado nas suas vivências, principalmente familiares.

### **3.2 Afetividade e aprendizagem**

A afetividade e a aprendizagem iniciam desde os primeiros vínculos da criança com seu entorno familiar e social. Na educação infantil, as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 98) ressaltam a criança como um sujeito na construção de sua identidade, em seu processo de aprender, questionar e observar. Além disso, efetivam, em sua proposta pedagógica, nos seus princípios e na construção do currículo, pontos indissociáveis do vínculo do afeto. Alguns deles são:

- I - A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;
- II - A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;
- III - A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização (BRASIL, 2010, p. 98).

A partir da LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - 9.394/96), fica definida a educação infantil como etapa inicial. A referida lei, em seu artigo 29, preconiza que:

[...] a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

A educação infantil tem o objetivo de contribuir para a formação básica da criança, de maneira lúdica e afetiva. No art. 22 da Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) consta: “a Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”. Dessa forma, percebe-se o papel da educação infantil de também ser um meio de desenvolvimento social e afetivo, reconhecendo a integralidade da criança.

É importante ressaltar a alteração em 2006 da redação dos Arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Sendo desenvolvida a educação infantil até os 5 anos.

A afetividade está diretamente ligada ao cuidado que a criança recebe durante o processo de aprendizagem. Alencastro (2009, p.18), em sua dissertação, analisa com Hillal (1985, p. 18) sobre a importância da afetividade para a promoção das atividades e do processo intelectual:

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de

todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades (HILLAL, 1985, p. 18 apud ALENCASTRO, 2009, p.18).

Sendo a escola um local de grandes aprendizagens intelectuais, sociais e afetivas, ela abrange diversas demonstrações de afeto em todas as atividades: entre professor e aluno, aluno e aluno, aluno e funcionário, ressaltando, assim, o grande espaço de conexão e encontro de vivências que ela é. Muitas crianças da educação infantil, ainda nas descobertas dos sentimentos e do afeto, têm o professor como um integrante familiar, tornando-o um receptor dos seus sentimentos, das suas alegrias e frustrações, realizando trocas afetivas. Em outros momentos, o afeto e a afetividade são negligenciados em seus núcleos, impossibilitando a construção de conexões afetivas positivas na vida escolar entre colegas e com professores, levando, muitas vezes, a problemas de aprendizagem e comportamento.

A relação professor e aluno, na aprendizagem, também estão ligadas ao afeto, principalmente na educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica, na qual as crianças passam por uma educação que envolve o cuidar, brincar e o educar, além do desenvolvimento nos aspectos físico, motor, cognitivo, social e emocional. O professor, de diversas formas, fomenta a exploração, as descobertas e a experimentação da criança. Esse processo passa pelo afeto, dando ênfase à relação em que as emoções desta são validadas juntamente com seus outros desenvolvimentos. Borba e Spazziani (2007) também contribuem, a partir de Vygotsky (2003), para enfatizar a importância do aspecto emocional da criança.

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo (VYGOTSKY, 2003, p.121 apud BORBA E SPAZZIANI, 2007, p.4).

É importante destacar que não se separa cognição de afetividade, e, por isso, o professor deve trabalhar o cuidar e o educar juntos, considerando-se que o afeto esteja presente nas relações de aprendizagem. Dessa forma, essas interações podem promover uma melhor autoestima e desenvolvimento da criança. É necessário refletir sobre a passagem do

professor na vida da criança e como suas práticas pedagógicas podem influenciar positivamente esse processo de construção do intelecto e do afeto.

O professor, como mediador do processo de aprendizagem, deve ver a afetividade como facilitadora da aprendizagem, refletindo e entendendo as situações e os motivos das reações da criança, possibilitando, assim, o aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Sabe-se que a educação infantil é uma modalidade que necessita de atenção, pois, por estar em desenvolvimento, os primeiros progressos da criança, a escola e as relações estabelecidas entre educadores e educandos têm como finalidade o desenvolvimento e aprendizagem dela:

[...] uma atividade educativa transformadora e constitutiva, em que tanto a criança (jovem) como professor entram na relação ensino-aprendizagem como sujeitos em processo de desenvolvimento e utilizadores de processos psicológicos distintos, mas interdependentes, onde a atuação de um afetará a do outro. Somente no reconhecimento deste afetar-se é que se processa a comunicação e possibilita o diálogo promotor da construção do novo (VASCONCELLOS, 1995 p. 14-15 apud SABINO, 2012, p. 127).

É importante ressaltar que o ato de educar é um trabalho constante e necessário de ser repensado para possibilitar a avaliação reflexiva sobre os processos educativos. A aplicação dos métodos cognitivos e suas individualidades nas relações interpessoais contribuem para uma pedagogia que se apresente afetiva e humanizadora.

### **3.3 A Afetividade na família, em sala aula e seus reflexos**

A família é o primeiro berço de afetividade e centralidade da criança. É nela que a criança recebe estímulos, associa o que é amor, carinho, solidariedade, respeito e outros valores, sendo que cada núcleo familiar tem seus próprios conceitos de afeto e valores.

Nesse sentido, cada família expressa o afeto e seus valores, de modo que, ao chegar à escola, as crianças podem ter diversas reações ao ambiente, que não dizem respeito à prática pedagógica do docente, mas à bagagem experiencial desse primeiro núcleo. Nesta perspectiva, podemos perceber desde introspecção, expansividade ou agressividade das crianças - reflexos que podem estar relacionados ao ambiente familiar. Bezerra (2006) cita, a partir de Wallon (1982), que:

[...] o desenvolvimento psíquico da criança vem de sucessivas experiências dos adultos que os cercam” [...] o estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo (WALLON, 1982 apud BEZERRA, 2006, p. 21).

Nota-se que a família contribui para que a criança tenha demonstrações e reações que, em determinados momentos, a afastam ou a aproximam das formas de afetividade e sociabilidade. Portanto, a família e o ambiente escolar caminham juntos no processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. A relação professor e aluno é necessária, pois, por intermédio de conversas, sorrisos, compreensão, respeito e várias outras ações que ultrapassam a prática pedagógica, a criança amplia seu repertório de experiências e sensações.

Quando a criança adentra o espaço escolar, ela se depara com outras formas de se relacionar com o meio, tornando fundamental a integração afetiva e a inteligência, que permitirão a ela se desenvolver integralmente. A aprendizagem não está resumida ao espaço escolar; a criança, desde seu nascimento, está em processo de aprendizagem, por meio do seu comportamento, seu desempenho, suas percepções, dentre vários outros elementos. A cada nova aprendizagem, as crianças assimilam as experiências aos encontros afetivos.

O meio social em que a escola inclui a criança traz muitas experiências afetivas que vinculam o desenvolvimento ao processo do afeto. Durante o período de aprendizagem, a criança tem diversas reações ligadas às suas vivências familiares, escolares e em comunidade.

Bezerra (2006) reafirma a reciprocidade entre a inteligência e a afetividade, firmando conexões afetivas desde os primeiros dias de vida do indivíduo, desde o vínculo materno, considerando importante toda a sua relação com o meio social. Nos seus primeiros anos, de 0 a 3, a criança está em desenvolvimento a partir do olhar do adulto que a acompanha. Na fase da educação infantil, está em desenvolvimento do seu “eu”, propiciando a construção de sua identidade. Dantas (1992) nos ajuda a compreender que “ao longo do trajeto elas alternam preponderâncias, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensorio-motor necessário à exploração da realidade” (DANTAS, 1992, p.90 apud BEZERRA, 2006, p.22).

Diante disso, percebe-se que a criança necessita de uma formação integral, ou seja, o conjunto intelectual, afetivo e social. Em sala de aula, devem ser exploradas as emoções, sentimentos e sensações, sendo a formação da personalidade indissociável a todos esses

elementos. Sousa (2018) discorre sobre o envolvimento da família e sua importância, lembrando que, independentemente de sua estrutura, ela é a base para as relações emocionais e é onde a criança absorve traços para sua formação.

É necessário frisar que a família é o primeiro vínculo da criança com sua forma de aprender e suas descobertas, tendo influência direta a partir das vivências experienciadas por ela.

A tarefa dos pais, dos professores e dos familiares é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que, quando essa criança tiver de decidir, saiba como e por que está tomando determinados caminhos ou decisões (PAROLIN, 2010, p. 42 apud SOUSA, 2018, p.14).

O reflexo do envolvimento da família com a escola é visto como um movimento positivo, pois a criança vincula seus espaços e seus afetos com a aprendizagem, fazendo com que se sinta cuidada, amada e disposta a aprender e a trilhar novos caminhos. A relação professor e aluno é uma construção, e essa interação afetiva se dá como possibilidade na construção efetiva do conhecimento. Como afirma Saltini (1997), a partir do texto de Krueger (2003, p. 5), “essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”. Complementa o referido autor:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião (SALTINI, 1997, p. 89 apud KRUEGER, 2003, p.5).

Considerando-se a importância da relação professor-aluno na construção e nos efeitos do afeto, é necessário compreender que as ações dos docentes influenciam também na forma com que a criança reage ao seu meio, envolvendo a vida psíquica e a formação da sua consciência. Primeiramente, ela passa pelo estágio de se relacionar e aprender por meio das pessoas e, depois, pelo conhecimento, marcando significativamente a sua relação com o professor.

(...) a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo.

Nesse sentido, pode-se se pressupor que a interação que ocorre no contexto escolar também é marcada pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE; TASSONI, 2000, p. 9-10).

Todas as interações em sala estão cercadas de afeto, a cada atividade e interação, há uma relação sociocultural. Devem-se buscar atitudes afetivas que levem ao interesse e ao envolvimento da criança com o ambiente de sala de aula, para o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, sempre procurando que essa interação também aconteça com a família e as reações que a criança tem com a participação dela.

A inclusão da família no espaço escolar fortalece o vínculo da criança em ambos os meios. Sentir que a escola é uma extensão do seu lar permite que ela se dê a oportunidade de interagir e buscar vínculos emocionais e afetivos que fortaleçam seu processo de desenvolvimento pessoal e social:

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui-se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa. A família não é, portanto, o único contexto em que a criança tem oportunidade de experimentar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 304 apud MOREIRA; JÚNIOR, 2017 p.11).

A criança, sendo um sujeito psicológico, social, afetivo e cultural, deve viver de forma ampla todos os aspectos da vida. Caso ela não os experiencie por questões familiares, escolares ou qualquer outra, tudo que acontece em seus afetos torna-se comprometido. Tassoni (2000) fala sobre os vínculos afetivos:

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional

que o bebê mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência. [...] Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e, muitas vezes, irmão(s). No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar (TASSONI, 2000a, p. 3).

É importante destacar que os vínculos afetivos nos permitem criar conexões com as pessoas, facilitando as interações na comunidade, no meio familiar e na escola, contribuindo para que a aprendizagem, as habilidades e as competências da criança sejam trabalhadas de maneira a proporcionar a integralidade desta. A criança necessita de vínculos e de cuidados dos familiares e das pessoas que a cercam para criar conexões experienciais consigo e com os outros, e a afetividade é um aspecto positivo em sua educação e em suas relações. Sousa (2018) cita Antunes (1999) para afirmar a importância da relação das emoções:

Esteja sempre atento para perceber a emoção das crianças. O que dizem é sempre menos importante do que o que as leva a dizê-lo. Reconheça na emoção uma oportunidade de intimidade e um meio para a sua educação, legitimando-a. Isto é, jamais se deixe levar pela ideia de que é desejável que a criança sinta ódio, frustração ou desapontamento. Ouça a criança com empatia, buscando sentir o que ela está sentindo. Ajude a criança encontrar palavras para identificar o que, realmente, está sentindo. Estabeleça limites, mas aceite discutir e, junto com a criança procure estratégias para a solução de seus problemas (ANTUNES, 1999, p. 56-57 apud SOUSA, 2018, p. 9-10).

O afeto está bastante presente nas emoções, sendo que, muitas vezes, a criança não consegue geri-lo, o que pode ocasionar dificuldade de se relacionar, provocando sentimentos como revolta, descontentamento e incapacidade na realização de tarefas. E se o responsável que estiver presente não procurar estratégias que ajudem a criança a resolver seus conflitos com confiança, diálogo e respeito, essas dificuldades podem se acentuar, causando reflexos negativos em sua vida escolar e familiar.

A influência do professor na vida afetiva da criança diz respeito a estar atento às reações que ela demonstra e como ele se coloca ao atendê-la. O docente é uma figura

importantíssima em seu processo de desenvolvimento afetivo e cognitivo, sendo um encorajador da criança em suas descobertas. Observar as maneiras como o relacionamento é conduzido é importante para que a construção aconteça de forma significativa.

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê –da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê –afetam profundamente a relação professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeitos e objetos. Neste processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeta cada aluno individualmente (LEITE; TASSONI, 2000, p. 11).

Percebe-se que a relação afetiva entre professor e aluno implica na interação entre estes, sendo que, para o alcance de resultados positivos no desenvolvimento da criança, é necessário o envolvimento do professor para com a criança. O processo de ensino-aprendizagem perpassa por compreender as particularidades das relações humanas e apresentar a produção e a transmissão do conhecimento, mesmo diante das dificuldades do ambiente, percebendo cada sujeito e suas particularidades.

É relevante destacar que a prática do professor é complexa, pois é necessária a compreensão na mediação do conteúdo e também a necessidade de conhecimento dos educandos no contexto escolar. Suas observações devem ser constantes, para que as vivências educativas sejam relevantes para a criança. O professor é um dos mediadores da afetividade em sala de aula, favorecendo a concepção de educação infantil que retrata o educando como um sujeito em fase de formação, com características peculiares e que necessita, desta forma, de educação e cuidados que favoreçam sua constituição como pessoa completa, e não apenas intelectual (BRASIL, 1999).

Desse modo, a prática pedagógica é entendida como prática social que oportuniza, através da ação mediada entre professor e alunos, relacionar os processos sociais aos processos psicológicos (SPAZZIANI, 2003, p.73 apud BORBA; SPAZZIANI, 2007, p. 11).

Por fim, a prática afetiva contribui para que a criança se conheça, conheça seu espaço, solidifique amizades e construa sua personalidade, colaborando para a construção de sua autoestima e ajudando em sua formação e em seus envoltimentos sociais. É importante frisar

que a interação em sala exerce influência tanto positiva quanto negativa na aprendizagem, ampliando o conceito da afetividade, nos fazendo refletir que a concepção das emoções é individual e perpassa a singularidade de cada sujeito.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que o afeto e a afetividade têm importância desde os primeiros vínculos da criança, estando ligados a todas as suas relações, seja com a família, escola ou com qualquer grupo social. A afetividade é toda demonstração, negativa ou positiva, que perpassa pela criança e a transforma. Ao ler, investigar os artigos e refletir, entendeu-se que a cognição e o afeto são aliados para o bom desenvolvimento da criança.

O professor tem um papel fundamental neste processo na educação infantil, sabendo relacionar o currículo com o olhar para a criança, mediando novos conhecimentos e experiências, compartilhando e ressaltando o grande espaço de conexão e encontro de vivências que é o espaço escolar.

A família é o primeiro berço de afetividade da criança, contribuindo para a construção de valores e conceitos de afeto, e é nela que ocorre a formação inicial da criança. É por meio desse primeiro vínculo e seus envolvimento que a criança expressará a percepção em outros ambientes.

Sendo assim, percebe-se que todo reflexo de afeto e afetividade da criança envolve suas vivências no ambiente familiar, escolar e social. A escola tem o papel de acolhê-la e procurar práticas pedagógicas que façam com que ela se sinta acolhida.

Como um tema provocador, que permite levantar concepções, análises e conclusões, o afeto e a afetividade se esbarram na psicologia, na qual, analisando-se o sujeito social-histórico que é a criança, busca-se perceber e analisar comportamentos individuais e coletivos, visando, porém, sempre respeitar o indivíduo como um sujeito único. O processo de ensino-aprendizagem é influenciado pela afetividade, que também contribui para a socialização do indivíduo, seja na família, na escola ou na sociedade. É necessário ressaltar a importância da família e educadores, no papel de acompanhar e se disponibilizar a criar conexões onde a criança consiga desenvolver de forma integral sua afetividade.

Este trabalho trouxe um novo olhar para uma discussão real e necessária sobre o afeto, cujos reflexos podem ter influência no futuro da criança, podendo ser a razão de algo que ela esteja demonstrando em sala, em seu comportamento, na sua desenvoltura ou na aprendizagem. É necessário, então, refletir e pensar sempre a relação do sujeito único e de suas vivências, buscando maneiras de progredir em uma prática pedagógica que trabalhe a interação humana e seu afeto. Sabino (2012) volta a Freire (1998) para refletir sobre o que acontece a nossa volta:

O que não podemos como seres imaginativos e curiosos é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá; sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o inédito 'viável' demandando de nós a luta por ele (FREIRE, 1998, p. 92 apud SABINO, 2012, p.230).

A razão de entender as conexões do afeto é evidenciar sua importância no processo de ensino-aprendizagem e em todas as vivências da criança, considerando que cada uma é única e está em uma fase do seu desenvolvimento, buscando conhecer práticas pedagógicas que pensem na condição de ensino e que efetivem a construção do conhecimento juntamente com a afetividade.

Diante das análises, conclui-se que a criança é um sujeito individual e de direito, devendo ser observadas as relações que ela constrói e como seus afetos e afetividades a condicionam em seu meio para seu desenvolvimento seja integral e pleno. Nesse sentido, a educação infantil deve ser um ambiente acolhedor para ela, e o professor deve buscar práticas pedagógicas que colaborem efetivamente para o seu desenvolvimento.

**LINK PARA APRESENTAÇÃO:**

<https://youtu.be/puT4U-AddMw>

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO. C. E. **As relações de afetividade na Educação Infantil**. Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. 34 p. 2019.

BEZERRA, R. J. L. **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção.** Revista Didática Sistêmica. Fundação Universidade Rio Grande do Sul, v4, ISSN 1809-3108, p 26. 2006.

BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M. L. **Afetividade no contexto da Educação Infantil.** In: Reunião Anual Da Anped. Caxambu. Anais. Caxambu: Anped, 2007. p. 1- 18. 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3476--Int.pdf>>.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. Brasília. 40 p. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf)>.

BRASIL. **Resolução CEB nº01 de 07 de abril de 1999.** Institui as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Diário Oficial da União. Seção 1, p.18. Brasília. 1999.

BRASIL. Lei nº 9.294. **Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional.** Criada em 20 de dezembro de 1996. Art. 22 e 29. Brasília. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei nº 11.274 de Fevereiro de 2006.** Criada em 06 de Fevereiro de 2006. Art. 29, 30, 32 e 87. Brasília. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm)>.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-REGNIER, N. M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação.** Educ. rev., Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

KRUEGER, M. F. **A Relevância da Afetividade na Educação Infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicopedagogia. Santa Catarina. ICPG. 10 P. 2003. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>>.

LEITE, S. A. S; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** Unicamp/SP. 24 p. 2000. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 14 abril 2021.

MARIGO, A. F. C. BRAGA, F. M. **Em busca do conhecimento em educação: fundamentos do trabalho acadêmico-científico.** São Carlos. Livro. Editora UFSCar. 93 p. 2015.

MOREIRA. B.B. JÚNIOR. R. C. S. **A importância da Afetividade na Aprendizagem.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade de Bebedouro/SP. v. 4, n. 1. 199-213. 2017. Disponível em: <<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193303.pdf>>.

SABINO, Simone. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa**. Livro. Editora Paulinas, 240 p. 2012.

SOUSA, L.B. **A influência da afetividade na aprendizagem significativa: uma abordagem na educação infantil**. Afluente: Revista de Letras e Linguística, p. 77-93, 2018. Disponível em:  
<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148>>.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. In: Reunião Anual da Anped, 23. Anais. Caxambu. 2000. Disponível em: <<http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>>. Acesso em: 24 março 2021.

YGOTSKI, L. S L; URIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Cone. 1991.